

Resenha do livro “educação como prática de liberdade” de Paulo Freire
Review of the book "education as a practice of freedom" by Paulo Freire

Submetido em: 10/11/2021

Aprovado em: 15/11/2021

v. 1, n. 12 p. 01-05, dez. 2021

DOI: 10.51473/rcmos.v1i12.203

1

Henrique de Oliveira Moreira

Educação como Prática da Liberdade foi escrito em 1967, durante o exílio de Paulo Freire no Chile. O período retratado enfatiza que a sociedade brasileira estava em transição naquele momento e parece que ainda não conseguiu fazer a travessia, devido ao curto período que o país vive uma incipiente e imatura democracia. O livro tem 157 páginas que estão divididas em quatro capítulos e apêndice que demonstra com bastantes detalhes todo o método de alfabetização elaborado por Freire.

Freire mostra a busca de uma educação de massa que seja a busca pela liberdade, destituída da alienação que as elites pretendem. Questiona que tipo de educação deve ser almejada: educação alienante para o homem-objeto ou educação libertadora para o homem-sujeito. Sendo que o homem-sujeito implicaria na sociedade-sujeito, consciente de suas ações, sempre pautado na autorreflexão e na reflexão sobre o tempo e o espaço.

Seu trabalho fundamenta-se na exposição de seu método de alfabetização de jovens e adultos de forma bem detalhada, evidenciando sua enorme capacidade filosófica e sua atuação política a partir de sua prática educacional. Essa obra, que aparece dividida em quatro capítulos, foi escrita durante seu período no exílio no Chile, ao mesmo tempo em que participou do desenvolvimento de vários projetos baseados em seu método.

No primeiro capítulo, A Sociedade Brasileira em Transição, há um tema bastante importante que é o do assistencialismo que torna o homem passivo, uma vez que não permite que ele participe do processo de sua própria recuperação e não permite a tomada de consciência tão necessária para a emersão do processo de massificação. Essa atitude paternalista remonta aos resquícios da sociedade escravocrata que sempre tratou os homens

simples como animais, como posse. Aqui vale salientar que o termo homem se refere a homens e mulheres. Essa herança foi e, de certa maneira, ainda é acolhida por parte dos políticos que disputavam o poder na década de 1960.

Diante dessa força opressora, seria impossível ao homem sentir-se no mundo, integrado ao meio em que vive, refletindo sobre seu existir; enfim, não seria protagonista de sua História e de sua Cultura. Apenas seria massa de manobra perante aqueles que estavam preocupados meramente com o poder.

No capítulo 2, denominado Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática, Freire expõe seus argumentos sobre a sociedade fechada e sobre a inexperiência democrática do Brasil. Como o país é fruto dos grandes latifúndios, onde o senhor mandava e era dono de tudo, inclusive das pessoas; os escravos não tinham voz. Mostrando, mais uma vez, que o projeto para essa *Terra Brasilis* é a exploração que visa riquezas materiais, apenas.

Não houve, e ainda parece não haver, um projeto sério de criar uma nação livre, ativa e pensante. Os cidadãos não eram chamados para participarem dos debates para solução de problemas comuns e, dessa forma, deveriam permanecer no marasmo, esperando que as decisões fossem tomadas sem sua análise.

A vinda da Corte para o Rio de Janeiro em 1808, derrocou em um processo de europeização do Brasil. Era um momento em que a burguesia, em alta, começa a tomar espaço dos grandes latifundiários. Contudo, não havia a preocupação com o povo. Era uma mudança de direção, com eles dirigidos. E nessa luta pela sobrevivência, foi-se criando uma sociedade em que seus membros estão prontos a obter vantagem, mesmo que se tenha que prejudicar o coletivo.

Contudo, por volta da época em que o livro foi escrito, houve uma crescente evolução do processo de urbanização, em que as pessoas deixavam as zonas rurais em busca de melhores condições de vida nas grandes cidades que começavam a se industrializar. A partir de algumas mobilizações, há também registros de algumas experiências de participação popular, que demonstram que o país tendia a sair da situação alienada em que estava.

Por não existir um projeto de construção de uma nação, segundo Paulo Freire, os educadores têm papel preponderante na luta contra a massificação (desejo da classe dominante que pretende manter o *status quo*). Nesse sentido, o capítulo três, Educação *versus* Massificação faz uma análise da Educação tradicional e as práticas que eram aplicadas na escola. Freire, humanista que era, sempre pensando na libertação do homem, sugere que a

elite deveria se conscientizar da sua responsabilidade para com o país e promover uma educação capaz de libertar o brasileiro desse estado de letargia, através de uma educação que encarasse os problemas com o intuito de se encontrar soluções objetivas, de uma educação que se baseasse no diálogo e na ciência; para assim fazer a passagem da transitividade ingênua para a transitividade crítica. Dessa forma, seria possível que as pessoas fossem promovidas à participação ativa nas diferentes esferas em que vive, ou seja, na escola, nos sindicatos, no bairro, nas associações, dentre tantas outras.

Há de se concordar que a educação deve deixar de ser “verbosa”, fora da realidade subjacente dos indivíduos. Deve ser transformadora na medida em que fará a superação do analfabetismo, que atualmente é mais caracterizado pelo analfabetismo funcional, e elevar a democracia a um patamar mais efetivo e participativo.

Os educadores, segundo o autor, devem tratar os assuntos com a profundidade devida, deixando de ser superficiais em suas análises; e isso requer capacidade de análise crítica e amor para desenvolver nos estudantes o gosto pela pesquisa, pela indagação, pela crítica e pela ciência.

No último capítulo, há uma reflexão sobre a relação entre Educação e Conscientização, como o próprio subtítulo demonstra. O escritor refuta fórmulas prontas e acredita que deve haver a interação respeitosa entre educador e estudante para a saudável troca de saberes entre eles. Ainda detalha o trabalho executado nos Círculos de Cultura, onde o Professor ganhava novo conceito: era o Coordenador dos debates; ao invés de aulas, havia diálogo; o aluno era um participante do grupo; e os pontos eram substituídos por uma programação compacta, reduzida e codificada em unidades de aprendizado. Os debates eram programados de acordo com a sugestão do grupo. Ainda, é mostrada a experiência de Angicos em que 300 adultos foram alfabetizados em 45 dias. O método utilizado por Paulo Freire é mostrado em detalhes e mostra que a alfabetização vai além da simples memorização de termos desconexos da realidade, mas requer apropriação consciente da técnica em uma atitude curiosa, criativa, criadora e recriadora. É possível perceber que Paulo Freire pensava numa educação libertadora, baseada no amor e no diálogo, porém, infelizmente, após o Golpe Militar de 1964, o projeto foi interrompido e não teve o devido reconhecimento durante a ditadura.

O apêndice traz imagens produzidas pelo pintor Vicente de Abreu (uma vez que as originais de Francisco Brenand foram tomadas) que foram associadas a 10 situações que

possibilitam a compreensão do conceito de cultura e demonstram como esse conhecimento vai sendo construído. Também apresentam as 17 palavras geradoras que constituíram o *curriculum* dos Círculos de Cultura do Estado do Rio e da Guanabara, tendo como base a palavra favela.

Trata-se, realmente, de um dos textos mais filosóficos do autor e que reflete sobre o lugar do homem no mundo e sobre como a educação é capaz de libertá-lo para que ele possa agir de maneira consciente. O tema tratado ainda é bastante atual. Basta analisar o comportamento da elite que, distanciada dos problemas sociais, deseja a manutenção da alienação para consequente manutenção de seus privilégios. Sempre distorcendo a realidade, colocando-se como protetora da sociedade, quando na verdade quer a continuidade da massificação. Para isso demonizam aqueles que tentam defender a dignidade e a liberdade. Certamente, a sociedade brasileira ainda não se libertou das amarras opressoras que tanto a prejudica. Atualmente, vê-se o corte de verbas que seriam destinadas à educação, a disseminação de *fake news*, exaltação da ignorância e da violência por parte de políticos e grupos de empresários mal-intencionados que realmente não demonstram preocupação com o cidadão brasileiro.

O livro traz uma reflexão bastante incisiva: “É preciso existir e não apenas viver.” De certa forma, ultrapassa os limites do âmbito educacional e parte para o campo espiritual, enfatizando que a religião deve religar o ser humano ao seu Criador, ao invés de ser mais uma ferramenta para aliená-lo. Deve sempre mostrar que o homem é capaz de transcender o tempo e recriar, modificar o meio em que vive. É capaz de refletir sobre sua condição no espaço-tempo, diferentemente dos animais.

Infelizmente, o homem tem sido educado para ser acomodado e não para integrar-se, fazer parte do todo e à medida que perde a capacidade de escolha, apenas aceita o que é imposto, acomodando-se por não ter liberdade e perde a capacidade criadora. Sendo a opressão esmagadora, reduz o homem a um animal incapaz de integrar-se, mas apenas capaz de ajustar-se e de acomodar-se ao que lhe é imposto. Dessa forma, é urgente a utilização das faculdades intelectuais em detrimento das instintivas e emocionais para a integração do homem capaz de entender as mudanças e participar ativamente delas.

Freire enxergava uma “sociedade fechada” que parece ainda não ter conseguido se transformar em uma “sociedade aberta”. Essa mesma sociedade parece que ainda não conseguiu ter tal esclarecimento, pois sempre que aparece um pensador, que reflete sobre suas

ações criticamente e busca a ascensão da sociedade, é tratado como um radical no sentido pejorativo da palavra, ou como comunista. Apesar de sempre trazer em seus textos, as palavras educação, liberdade, cultura, autonomia; Paulo Freire tem sido criticado pelo atual governo como sendo um fator prejudicial à educação brasileira.

Realmente é uma obra que incita os profissionais da educação fazerem a passagem do campo dos professores para o dos educadores (ou coordenadores, como sugere o autor em seu Método de Alfabetização). Os docentes precisam mudar o foco do paradigma da ensinagem para o paradigma da aprendizagem, o que significa não centrar a ação educativa no professor, mas entender que a aprendizagem é um processo contínuo que vai além de um único caminho e deve considerar os conhecimentos e vivências dos estudantes. A educação deve se basear, também, no respeito aos caminhos que se apresentam no decorrer da experiência entre as pessoas.

Professor, nesse sentido, é aquele que detém o conhecimento e, de cima para baixo, apenas expõe comunicados a seus alunos, impõe a eles limites e condições. Em contrapartida, o educador dialoga, questiona e se deixa ser questionado através da própria maneira de se comportar. O educador está sempre aprendendo e nunca deve se contentar com o patamar alcançado. Uma vez que as pessoas, a sociedade, os métodos e as relações mudam, ele não pode ficar estagnado, considerando-se detentor de toda a verdade e, Paulo Freire, com todo seu conhecimento e humildade, traz à tona que a educação deve ser baseada no amor, no diálogo, no respeito às diferentes experiências e nas constantes reflexões sobre o ato educativo.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. 49.^a ed. São Paulo: Paz e Terra. 2021.